

Um caso de dupla personalidade

WILSON FIGUEREDO

Alguém anda faltando à verdade e, se não são as pesquisas, só podem ser os cidadãos. Pelo menos no que diz respeito ao presidente Fernando Henrique Cardoso. O que as pesquisas têm dito em favor dele não bate com o que se diz socialmente, no tom de irritação com a inépcia política reinante. O que sobra para o governo nas conversas da classe média não é pouco, nem agradável de ouvir. Por isso – entra semana, sai semana – as pesquisas não se cansam de perguntar a opinião dos brasileiros. A distância elas e eles não se reduz.

Para baixo, socialmente, há gratidão sem julgamento político. É só agradecimento. As pesquisas dão conta que Fernando Henrique reina sobre as classes C e D, mas não governa daí para cima. Não se estabeleceu embaixo na sociedade qualquer relação direta entre estabilidade do real e o neoliberalismo, que tem – para a classe média – tudo a ver com o desemprego do qual o governo é apologista. O pequeno burguês não nasceu para desempregado. E, para cima, é dispensável. Estão todos de acordo.

É com as classes C e D de consumo, sem compromisso político mas tão simpáticas a ele nas pesquisas, que o presidente conta para se reeleger, se nada ocorrer com o poder de compra. A turma do real continua deslumbrada pelo consumo a que foi apresentada por Fernando Henrique, embora o salário fique pelo meio do mês. Deve-se entender nessa parcela social aqueles que conseguem administrar a escassez, sem despertar para a direita – que é onde há numerário.

Para quem se situa elegantemente à esquerda, virou moda falar mal (com alguma razão) de Fernando Henrique quando há

gente por perto. Socialmente é de bom tom. Muda o quadro quando se trata de pesquisa de opinião, que põe frente a frente o pesquisador e o cidadão anônimo, de acordo com uma classificação feita de sinais exteriores de pobreza, idade, escolaridade, bairro e nível de consumo apertado entre as quatro primeiras letras do alfabeto.

Na confissão de faltas religiosas o arrendimento é indispensável mas na pesquisa basta declarar a intenção de votos. Fica para mais tarde o remorso. A classe média não quer destoar socialmente e paga a dívida com a consciência: depois de falar mal do governo, o ato de contrição nas pesquisas.

Seria exagero afirmar que as pesquisas mentem por encomenda ou que não acertam por incapacidade. Podem faltar à verdade – e faltam mais do que gostariam candidatos e eleitores – porque lidam com mercadoria alheia, numa sociedade politicamente inconfiável mas sem compromisso com a inverdade. A classe média, volúvel e insegura, agarra-se à dúvida como método de sobrevivência mesmo sem saber quem foi Descartes. Espremida socialmente, não tem culpa de ser assim.

A política não se contenta apenas com verdades e mentiras. Inverdades constituem a categoria intermediária, preciosa para a classe média: sente-se lisonjeada por ter mais peso nas pesquisas que a burguesia, cuja opinião não consta. Não existe, infelizmente, do lado oposto à inverdade, como contrapartida, a *imentira* que não figura nos dicionários mas faz falta. Quem sabe as pesquisas, em sua relatividade, pudessem adotar essa categoria?

Quando se diz que o eleitor pode faltar à verdade no que respeita ao presidente não se quer insinuar que ele mente. Apenas pas-

sa perto. A palavra que cabe ao fenômeno das pesquisas é eufemismo, de que ninguém se lembra mas carrega o seu precioso sentido desde a Grécia antiga. O eufemismo é a alternativa para atenuar o sentido de uma palavra, uma idéia ou um conceito por um equivalente de melhor aparência, mais agradável socialmente, mais correto politicamente. O eufemismo frequenta salões mas o seu oposto, o disfemismo, vive exilado nos dicionários. Um ilustre desconhecido dos brasileiros.

É preocupante esse comportamento conversível do cidadão, que desanca o presidente na vista de terceiros mas em segredo de confissão lhe faz as melhores ausências: Se for caso de dupla personalidade, em qual confiar? A pesquisa não sabe a qual das duas dar preferência.

Começa a se firmar a convicção de que, bem no fundo, a culpa pelo desencontro de opiniões não se deve às pesquisas nem aos cidadãos, mas ao próprio presidente. Por mais que ele diga e se desdiga, os atos não se dão bem com as palavras e andam cada um para um lado.

Por ordem de entrada em cena, o primeiro a se desenganar foi o eleitor (como sempre). Não aconteceu o mesmo aos que confiaram na capacidade do governo para corrigir o candidato: não precisaram esquecer o que ele escreveu antes. Muitos – a maioria certamente – votaram nele porque o real valia a pena. Pagarão a reeleição com a mesma moeda.

A questão política de fundo é que a classe média, pela própria natureza social, não está convencida ainda de que o Estado seja um mal em si e desconfia que o neoliberalismo não o substitui com vantagem, pelo menos para ela.